

## **A APRENDIZAGEM DA CONVERSAÇÃO**

**Clodomir Morais\***

A Conversação sempre constituiu um grande problema para alunos e professores dos cursos de idiomas. Com o propósito de superá-lo, as Instituições especializadas na formação de intérpretes, cicerones e tradutores simultâneos têm procurado desenvolver métodos cuja eficiência se mede também pelo princípio da racionalidade econômica: a maximização dos resultados mediante a otimização dos meios disponíveis.

A maioria dos que, no Ocidente, se dedicam à Pedagogia Experimental é formada de “behavioristas” (1), cujos métodos em essência, pouco se diferenciam entre si, pois se resumem em obter um crescente nível de diálogo artificial, mecânico (e às vezes sem sentido) entre os alunos e o professor.

O uso de audiovisuais (cine, vídeo, diaporamas, textos atrativos, etc) funcionam como “estímulo” para obter como “resposta” - o diálogo, e assim, conjurar as possibilidades de bloqueio ou de inibição dos alunos nos momentos destinados à conversação tradicional, conseguida pelo insistente acicatear de perguntas, não raro inconseqüentes, do professor.

E assim os alunos poderão passar anos e lustros no aprendizado pachorrento da conversação, aprendizado delével que não comporta a menor solução de continuidade: dois meses de verão e a capacidade de conversar no idioma adventício recua quase à estaca zero, para outra vez ser recuperada pelo método rotineiro do “estímulo-resposta”.

Tão somente quando os alunos exercitam a Conversação nas atividades de algum trabalho (como intérpretes de delegações, por exemplo), é que alcançam perenizar por algum tempo a aptidão ao diálogo automático, frouxo, desembaraçado.

Os institutos de idiomas mais abastados sabem proporcionar aos alunos a oportunidade de visitar o país da língua que estudam na ilusão de que algumas semanas ou meses sejam suficientes para torná-los aptos para a conversação.

À exceção destas tentativas de perseguir uma prática real e concreta para o aprendizado da Conversação, a todas as etapas do curso de idiomas

presidem as categorias metodológicas tipicamente do ensino, mediante as quais se aprende (a gramática) mas não se capacita em Conversação, ou seja, não geram as aptidões no indivíduo que, segundo Leontiev, “vai adjunto ao processo do domínio por ele (ou utilizando o termo de Marx:”da apropriação por ele”) do que foi criado pela humanidade, pela sociedade, em seu desenvolvimento histórico”, e daí que “realizar o processo de apropriação constitui uma função da aprendizagem humana que distingue qualitativamente de “learning”- aprendizagem dos animais cuja função é a adaptação (2).

Os métodos de ensino, via de regra, apoiam-se na transferência de conhecimento, mediante “entregas teóricas” que se procedem ao longo de uma série de aulas programadas. Por esses métodos ensina-se Gramática de qualquer idioma; pelos mesmos métodos, ensinam-se tanto as regras de gramática como as de Matemática e também as exceções de uma e de outra.

A prática nas duas disciplinas, faz-se por meio de exercícios orais ou escritos e, ao fim se sabe, mercê de uma “práxis reiterativa”(que se cria com a repetição exaustiva dos exercícios) consegue-se que os alunos “internalizem” os conhecimentos vertidos pelo mestre.

Contudo, tão somente depois de capacitarem-se no uso prático dos elementos teóricos, mediante a conversação, é que terão plena consciência da Gramática estudada. (3).

A partir de Makarenko (4) ficou assaz definido na Pedagogia o “divortia aquarum” entre as técnicas de **ensino** e as técnicas de **capacitação** sem deixar confundir esta - a capacitação - com a propalada “Educação Funcional”de Claparède.

Funda-se aí a aprendizagem através da capacitação, ou seja, a aprendizagem que emerge do exercício de atividades do trabalho (desenvolvido socialmente): trabalho imposto por necessidades concretas e orientado para um objetivo comum que inevitavelmente estabelece entre os sujeitos da capacitação “a dependência responsável” de que fala Predvechni (5), imprescindível nos processos coletivos da capacitação.

Em toda aprendizagem de idiomas é mister saber até onde pode chegar o tratamento do **ensino** e de onde começam os requisitos dos métodos de **capacitação**. Tudo indica que estes aparecem no momento em que se torna

indispensável a aplicação prática das teorias gramaticais, quer dizer, no período de aprendizagem da Conversação.

A Conversação, ou o ato de conversar, exige uma enorme preparação no uso dos “instrumentos” prévios da **Linguagem** que vão desde a pronúncia de sons articulados, ao uso e entendimento dos símbolos que eles representam e, em seguida, ao conhecimento gramatical, que sistematiza os fenômenos da Linguagem, seja considerando as palavras isoladas (lexicologia) e suas combinações para a expressão do pensamento (sintaxe).

Uma pessoa que possa fazer uso (ainda que de forma incipiente, rude) desses “instrumentos prévios” estará em condições de entabular uma conversação efetiva desde que isto seja fruto de necessidades imperiosas impostas pelas atividades e relações de trabalho. É que o ato de conversar pressupõe a plena consciência do uso daqueles “instrumentos prévios” em função das representações surgidas de atividades concretas.

Um excelente tradutor que domina plenamente a gramática dos idiomas em que opera, pode não ser capaz de manter uma conversação fora de sua língua materna, já que para a conversação não bastam os conhecimentos dos “instrumentos prévios” reunidos na Gramática. Há que se capacitar em conversação. A Gramática, ensina-se e aprende-se, porém no que diz respeito à Conversação, não se ensina, se capacita.

A capacitação, como pode acontecer com tudo o que depende da aprendizagem, emana da aplicação do conhecimento, a atividades concretas, razão pela qual a prática que se desenvolve no processo da capacitação para a Conversação não deve ser em abstrato e sim uma atividade que permita comparar a imagem (a coisa ensinada) com a realidade que ela expressa (7). Isso se deve ao fato de que, tão somente através do trabalho (e das atividades dela decorrentes) é que toma concreção a consciência de **sujeito** com respeito ao **objeto**.(8)

Eis porque a aprendizagem da Conversação, vista através da ótica da **capacitação** e não da ótica do **ensino** propriamente dito, só pode ser eficaz, à luz da categoria da ATIVIDADE OBJETIVADA dos modernos cientistas sociais marxistas (S.L. Rubinstein, A.N. Leontiev, I.Labra Moya e G.P. Previdechni, A. de Faria, etc.) em diametral contraposição à focagem “ condutista” dos psicólogos não marxistas.

A “conduta”, segundo Labra Moya, (9) não é uma categoria dialética e nela “ o objeto aparece apenas no caráter do “ estímulo” que faz desencadear uma reação com a qual não tem vínculos dialéticos. “**Estímulos**” e “**respostas**” são séries paralelas de fenômenos correlacionados, que não têm entre si vínculos orgânicos (10). A “conduta” se define em função das manifestações externas, observáveis; nega a consciência e o reflexo psicológico” - acrescenta o mesmo autor.

A Psicologia Social não marxista arrima-se no processo da Comunicação na Linguagem; prega que os indivíduos se expressam exclusiva e unicamente mediante a Linguagem e a esta dedica todo o seu interesse. Evidentemente não leva em conta que as relações sociais de produção da Humanidade, cristalizadas no **objeto** em forma de meios de trabalho, transmite ao homem a organização social nelas codificadas (11). Daí crer somente nas apresentações exteriores das atividades à revelia do reflexo psíquico que elas determinam.

Aqui está, pois, a razão pela qual os métodos de “ Educação Funcional” de “Pesquisa-Ação” , de “ Educação Popular”, de “ Educação Vivencial” e outros concebidos em função exclusiva da “conduta” externa dos indivíduos, se apóiam principalmente nas técnicas de “dinâmicas de grupos”, “sociodramas”, “jogos de salão”, “pantomimas”, etc, como supostos instrumentos de capacitação.

Os moderados resultados desses métodos (a despeito de abundância dos meios disponíveis e dos investimentos em tempo e em mão de obra especializada) só se justificam quando o ensino de idiomas constitui função puramente subsidiária, acessória de ações (principais) que respondam pelos critérios de racionalidade econômica.

### CONCLUSÃO

Como a aptidão para conversar não parece ser propriamente **objeto do ensino** (tal como acontece com a Gramática) e sim **objeto de capacitação**, no nosso entender, a aprendizagem da Conversação, enquanto objeto das técnicas de capacitação, deveria ser montada sobre atividades concretas de

trabalho com fins ou objetivos determinados e correspondentes a necessidades reais.

Ser intérprete ou “cicerone” de uma delegação é inserir-se de fato em um tipo de trabalho necessariamente ajustado a um fim definido e para cujo desempenho, a Conversação constitui uma atividade concreta.

O estudante de idiomas ao qual sistematicamente se lhe der esta oportunidade, avançará no manejo da nova língua, mais rapidamente do que aqueles que estejam limitados apenas a exercícios práticos em abstrato, a técnicas de animação e de dinâmica dos pequenos grupos.

Com efeito, a atividade que engendra a consciência e sobre qual se processa a capacitação, não se apresenta como fenômeno isolado, sem nexos e sem destino, mas sim, uma “atividade adequada” aos fins. É aí “onde se revela precisamente o papel específico do reflexo consciente da realidade” (12), pois “a consciência reguladora da atividade humana é aquela que surge à base do trabalho” e se forma no processo da atividade vital concreta do Homem (13).

## RECOMENDAÇÕES

Para a aprendizagem de Conversação, em um Instituto de Ensino de Idiomas, o ideal seria criar “mecanismos” ou medidas que vinculem a prática dos estudantes a atividades laborais organizadas e sistemáticas, o que vale dizer, atividades que exijam a conversação e que estejam enquadrados em planos de trabalho com objetivos e fins determinados.

Esta preocupação, evidentemente, não é exclusiva das técnicas da Aprendizagem: é também, da moderna metodologia do ensino, cujos “autores centram su atención en la búsqueda de nuevos procedimientos de organización del trabajo didático-educativo con los estudiantes” (14).

Para isso as instituições especializadas no ensino de idiomas, têm necessariamente que, mediante a pesquisa, determinar em que etapa e nível de aptidão dos alunos, respeitante à Conversação, as categorias metodológicas do **ensino** devem ceder lugar às de **capacitação**. No caso particular da nossa Instituição (15) onde o ensino de idiomas constitui apenas uma atividade acessória para coadjuvar o conhecimento científico da América

Latina, somente uma investigação exaustiva de muitos meses levaria a desenhar os currícula do ensino coerente com as atividades práticas que exijam a Conversação no idioma que se ensina.

Neste caso, ter-se-ia que consultar sobremaneira as necessidades da Instituição quanto ao concurso da colaboração organizada e sistematizada (não eventual) do corpo discente.

- a) nas tarefas preliminares da reelaboração de materiais didáticos impressos e audio-visuais;
- b) na ajuda aos esforços de atualizações do fichamento e catalogação da biblioteca do Instituto;
- c) no funcionamento de “**círculos de estudo e discussão**” que poderiam evoluir para “seminários” realizados em torno de temas programados e desenvolvidos em **duas laudas** de papel por alunos nos seus respectivos turnos.

A aula de **Anotação**, neste caso, seria ministrada pelo professor, em torno do material elaborado pelo aluno, ampliando, se for o caso, conceitos e seus desdobramentos.

A aula de Conversação se constituiria assim, da discussão por parte - principalmente - dos alunos, tendo o mestre como **moderador**.

No entanto, quaisquer dessas opções só corresponde a **atividade objetivada** se emanar de norma objetiva estabelecida pela Instituição nos currícula do ensino; em caso contrário, toda a ação só serviria como passatempo para diletantes - uma terapia para alunos fatigados e não como didática da aprendizagem da Conversação.

#### NOTAS

1. Entre eles está o norte-americano E.L.Thorndike, segundo o qual “a conduta do homem consiste simplesmente nas reações externas do organismo provocada automaticamente por estímulos e fixados por reiterados exercícios mecânicos. Desta maneira, toda a educação se reduz ao desenvolvimento, mediante o treinamento de reações desejáveis de acordo a determinados estímulos”. In N.A.Konstantinov e outros, História de la Pedagogia, Universidad Autonoma de Nicaragua, UEAN, Manágua, 1982, p.145.
2. LEONTIEV, A.N., “Sobre a Formação das Aptidões”, Coleção 70, vol.nº36, Grijalbo S.A.Mexico, 1969,p.60-62.
3. “...gramática para principiante é uma coisa, e outra, para quem conhece o idioma (e os idiomas) e o espírito do idioma”, Hegel citado por Lenin em suas “Obras Completas” Tomo XLII - Ediciones Cultura Popular, México, 1981, p.98.

4. Vide MAKARENKO, A. in "A Coletividad y la Educación de la Personalidad", Editorial Progreso, Moscú, 1977.
5. PREDVECHNI, G.P. in "Psicología social", Ediciones Ciencias del Hombre, Buenos Aires, 1977, p.254.
6. "...el lenguaje nace como la conciencia, de la necesidad, de los apremios del intercambio con los demas hombres". MARX Y ENGELS, "Ideologia Alemana", Ediciones Revolucionarias, La Habana, 1966, p.30.
7. "...os temas da linguagem humana foram inventados pelos próprios homens para lhes dar funções apenas referenciais e significativas, mesmo porque, é pelo confronto com imagens, nestes termos configuradas, que os homens tomam conhecimento daquilo que nelas é referido". FARIA, Álvaro de, "Da Babel à Comunicação", Editora Matra Ltda., S.Paulo, 1971,p. 157.
8. "Para comprender la naturaleza de la conciencia y las peculiaridades específicas de la actividad refleja del hombre, se ha de caracterizar el nexo de la conciencia con la actividad". SHOROJOVA, E.V., "El Problema de la Conciencia", Editorial Grijalbo S.A., México, 1963, p.54.
9. LABRA MOYA, I., "Mistificaciones de la Psicología Social Burguesa", Universidad de Centroamérica, Managua, Nicaragua, 1983,p.65.
- 10."estímulo" que, no caso de uma aula de conversação, poderá estar representado em um texto atrativo com o propósito de obter como **resposta** uma maior disposição dos alunos para um intercâmbio de opiniões e comentários em forma de diálogo.
11. LABRA MOYA, opus cit.p.70
12. SHOROJOVA, opus cit. p.243
13. LABRA MOYA, idem, ibidem.
14. MARINKO, I, STOLIAROV, I, "Metodologia de la Enseñanza de la Economía Política", Editorial Progreso, Moscu, 1982, p.4.
15. Instituto Latinoamericano da Universidade de Rostock, Macklemburg, Pomerania, Alemanha.

\* **Doutor em Sociologia pela Universidade de Rostock.**  
- **Professor Visitante/UFRO.**